

**MOBILIDADES LITERÁRIAS EM ERICO VERISSIMO: *GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE* (1941) E A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA ESTADUNIDENSE**

Fernanda Boarin Boechat (UFPR)

**RESUMO:** Compreendemos que o discurso literário é voz que integra uma comunidade discursiva. O discursivo aqui é visto como interlocução que se estabelece entre os sujeitos, como ação partilhada que os conduz a questionamentos. Entendemos que o discurso literário integra essa comunidade de comunicação enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas, como voz ativa de um sujeito integrante de uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma. Trata-se de uma voz que vem permeada por discursos diversos e que irá desencadear outros discursos, promovendo inúmeros diálogos na comunidade que o recebe. Propomos, então, uma reflexão que procura investigar a participação da produção literária existente no grande discurso que se estabelece em uma comunidade discursiva mundial, não só nacional. Procuramos demonstrar como o discurso literário pode ser visto como um *medium* que, ao fazer uso da linguagem natural e dar-se nas dinâmicas desta linguagem, pode ser capaz de incorporar e incentivar transformações na realidade extraliterária. Propõe-se, por fim, observar tais dinâmicas em diálogo com o relato de viagem *Gato preto em campo de neve* (1941) de Erico Verissimo, publicado após sua primeira estadia nos Estados Unidos e que oficializa a participação do escritor na política de Boa Vizinhança estadunidense instituída entre os anos 1933 e 1945 com os países da América Latina. Para tanto, não só tratamos de *Gato preto em campo de neve* em interface com esta política específica, mas destacamos o lugar político que ocupou Verissimo neste contexto, o qual parece-nos definitivo para a construção de sua posição de intelectual ao longo da carreira. Observamos, ademais, como é possível apontar para a revalorização não só da obra literária no amplo debate em uma comunidade de comunicação, mas também do escritor.

Palavras-chave: Erico Verissimo. Discurso literário. Estados Unidos. Política de Boa Vizinhança

Os diálogos e intersecções possíveis entre o discurso literário e o discurso extraliterário são investigados em diversas áreas de pesquisa, no âmbito dos Estudos Literários, naturalmente, mas também em áreas como a História, Antropologia,

Psicologia, Pedagogia, Neurociência, Psicologia Cognitiva<sup>1</sup>, entre outras. Assim, essa capacidade ou potencialidade de diálogo parece já justificar desde a incorporação da literatura como disciplina ao currículo da educação básica em diversos países, até pesquisas em diferentes áreas que se preocupam em investigar em que medida a leitura de literatura poderia contribuir para que se configure uma sociedade mais crítica, mais tolerante, mais democrática, e até mesmo mais pacífica.<sup>2</sup>

Um outro viés de pesquisa que investiga as aproximações entre o discurso literário e o extraliterário se concentra em observar em que medida a produção literária desempenha um papel (positivo ou negativo, legítimo ou condenável) nos processos de formação dos Estados-nação, quanto à constituição de um imaginário a ser partilhado e cultivado pelo povo que o integra. Tal relação incorpora, em especial, as discussões em torno da ideia de cultura, de modo que se destaca, nem sempre de modo suficientemente crítico, a produção literária existente como patrimônio cultural de uma sociedade, inclusive em vista de sua formação política. Nesse sentido, compreende-se a produção artística em um país como parte daquilo que caracteriza sua identidade cultural, de modo que esta produção pode inclusive ser tomada como elemento de identificação, capaz de conectar o cidadão ao sentimento de espírito nacional.<sup>3</sup>

Nesse sentido, a potencialidade de inserção do discurso literário em uma comunidade de comunicação, compreendido aqui como o espaço das relações humanas<sup>4</sup>, parece-nos também ter sido reconhecida por determinadas políticas em vista

---

<sup>1</sup> Mais recentemente os estudos sobre leitura de Literatura e os processamentos mentais do texto literário tem sido tema de pesquisas empíricas nas áreas de Neurociência e Psicologia Cognitiva. Sobre tais pesquisas ver, em especial, o trabalho do norte-americano Raymond Mar (<http://www.yorku.ca/mar/papers.html>) e do alemão Gerhard Lauer (<http://www.gerhardlauer.de/publications/>).

<sup>2</sup> Na cidade de Curitiba, por exemplo, tem-se, através da Fundação Cultural de Curitiba, a implantação do projeto Curitiba Lê desde 2010, que contempla editais anuais que visam o incentivo à leitura, além da implementação e manutenção de diversas Casas de Leitura (pequenas bibliotecas) espalhadas por toda a cidade. Com a instituição de tal projeto pretende-se estabelecer no município políticas voltadas ao incentivo à leitura de literatura como um serviço público prestado à comunidade, garantindo, assim, seu direito de acesso à arte e à cultura. A concepção do projeto, ademais, considera a prática de leitura de literatura como processo de ampliação de pensamento crítico e visão de mundo do sujeito, de modo que o projeto possa, por exemplo, através da formação de leitores, fomentar o exercício da cidadania dos contemplados. Sobre projetos de leitura, destaca-se o trabalho da antropóloga francesa Michele Petit, em que trata da relação entre leitura (de literatura) e construção social. A partir da década de 1990, em especial, Petit orientou suas pesquisas para a relação entre sujeito e livro, privilegiando a experiência singular do leitor.

<sup>3</sup> Sobre tais apontamentos, destaca-se aqui o trabalho de Benedict Anderson em *Comunidade Imaginadas*. Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>4</sup> Compreendido segundo entendimento do filósofo alemão Karl-Otto Apel: “Desse modo a filosofia transcendental hermeneuticamente transformada parte do *a priori* de uma *comunidade real de*

das relações exteriores, por exemplo, como é o caso da *Good Neighbor policy* ou da política de Boa Vizinhança estadunidense instituída pelo presidente Franklin Roosevelt entre os anos 1933 e 1945. Durante este período, diversas ações em diferentes áreas – como a indústria, a agricultura e a cultura – foram implementadas pelo governo norte-americano, a fim de que se alinhasse os interesses da América Latina aos interesses dos Estados Unidos.<sup>5</sup> Assim, segundo Ronaldo Machado<sup>6</sup>,

[e]sses anos de 1933 a 1945 representaram para a América Latina, em todas as esferas das relações continentais, sua inserção passiva na “política da boa vizinhança”, formulada e posta em prática pelos Estados Unidos, durante a segunda guerra mundial. Essa política significou a primeira resposta norte-americana ao nacionalismo econômico que se generaliza na América Latina, a partir das crises nacionais geradas pela depressão econômica, iniciada em 1929 com o *crack* da Bolsa de Nova York. Além disso, a diplomacia da boa vizinhança buscava realinhar as nações latino-americanas ao lado dos Estados Unidos, visando reduzir, eliminar ou controlar as relações que vinham mantendo com as potências extracontinentais de então - Alemanha e Itália, pois fascismo e nazismo pareciam de certo modo, vistos do outro lado do Atlântico, a história de sucesso da década. (MACHADO, 2004, p. 1)

Dentre muitos artistas e intelectuais brasileiros que participaram de ações da política de Boa Vizinhança estadunidense – como Sergio Buarque de Holanda, Villa Lobos, Gilberto Freyre, Carmem Miranda, Candido Portinari e Burt Marx – Erico Verissimo destacou-se como um dos maiores agentes culturais, haja visto seu ingresso oficial na mesma quando recebe o primeiro convite para visitar o país em 1940. Tal convite – que consistia na estadia de três meses e que se efetivou no início do ano de 1941 – foi o suficiente para que ele estreitasse suas relações com os Estados Unidos. Dessa forma, o escritor teve posteriormente a oportunidade de mais duas longas estadias no país. Foram elas entre os anos 1943 e 1945, em que assumia um cargo de professor

---

*comunicação*, que para nós é praticamente idêntica à espécie humana ou à sociedade.” (APEL, 2000, p. 69-70).

<sup>5</sup> Vale aqui relacionarmos ações voltadas à cultura que contemplavam a política de Boa Vizinhança ao que mais tarde foi chamado de “*soft power*”, conceito criado no final dos anos 1980 pelo norte-americano Joseph Nye. Tal conceito é usado principalmente na Teoria das Relações Internacionais e serve para designar a habilidade de um Estado influenciar diretamente o comportamento ou interesse de outros corpos políticos através de meios culturais e ideológicos. Cf. Nye, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Ed. Publicaffairs: Cambridge, 2004.

<sup>6</sup> Texto apresentado no VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ALAF”, realizado em outubro de 2004, em Berlim, p. 1.

de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley e ainda uma estadia mais longa – de três anos – quando ocupou o cargo de Diretor de Assuntos Culturais na Organização dos Estados Americanos (OEA) – em Washington D.C. – entre os anos 1953 e 1956, época em que a política de Boa Vizinhança inclusive já havia sido oficialmente extinta.

Nesse sentido, parece-nos importante que apresentemos alguns fatores que talvez tenham contribuído diretamente para o interesse do Departamento de Estado norte-americano em aproximar Erico da política de Boa Vizinhança a partir de 1940, momento em que os Estados Unidos intensificavam suas ações especialmente por conta do cenário político da Segunda Guerra Mundial.

Erico Verissimo, antes mesmo de publicar seu primeiro romance *Clarissa* em 1933, já havia trabalhado como professor de língua e literatura inglesa, e em 1931 já havia publicado pela então Editora Livraria do Globo<sup>7</sup> sua tradução de *O sineiro* do romancista inglês Edgar Wallace.<sup>8</sup> A partir do ano de 1931, ademais, Erico é contratado para trabalhar na *Revista do Globo*, da mesma editora, onde coordenou a Revista até 1939. Segundo Fabrício dos Santos da Costa,

[a] Revista implicou a possibilidade de Erico não apenas aplicar as disposições culturais adquiridas em seu itinerário, mas também ser marcado por tal experiência, num processo dialético de objetivação da posição de produtor cultural em vias de profissionalização e da produção do próprio produtor cultural. (COSTA, 2012, p. 13)

Erico, que associava sua atividade de escritor a de tradutor de literatura de língua inglesa e a de diretor de uma importante revista na Editora O Globo, encontrou neste meio oportunidade para se desenvolver em todas as três atividades, inclusive lhe favorecendo quanto à publicação de sua própria obra. O sucesso como escritor, ademais,

---

<sup>7</sup> Sérgio Miceli aponta a Editora Globo no início dos anos 1940 como a segunda editora brasileira, atrás apenas da Companhia Editora Nacional e seguida da Editora José Olympio. Dentre as categorias apontadas por Miceli, a Editora Globo, entre os anos 1938 e 1943, era a editora que mais publicava as seguintes categorias: ficção, variedades e obras militares. Cf. Miceli, Sérgio. “A expansão do mercado do livro na categoria ‘ficção’”. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 151-157.

<sup>8</sup> Erico Verissimo aprendeu inglês durante sua infância, graças ao período em que estudou no Colégio Cruzeiro do Sul – fundado por missionários protestantes norte-americanos – e foi um grande leitor de literatura de língua inglesa. Assim, tornou-se um dos principais tradutores de obras literárias em inglês no Brasil naquela época, assim como seu contemporâneo Monteiro Lobato. Erico também foi um dos fundados do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano de Porto Alegre em 14 de julho de 1938. O ICBNA é o único centro binacional creditado no Estado do Rio Grande do Sul pela Embaixada dos Estados Unidos da América no Brasil. Sobre o Instituto cultural Norte Americano ver: <http://www.culturancultural.com.br/Institucional/Default.aspx>

fomentou também o seu trabalho na Editora e em 1938 passou a trabalhar como conselheiro literário, atuando de forma mais intensa como um agente cultural ainda no Brasil, especialmente se considerarmos sua experiência como leitor e tradutor de língua inglesa. Neste período, por exemplo, e graças a posição que assumiu, ele passa a colaborar na elaboração de coleções como Nobel e Biblioteca dos Séculos, que teve um sucesso estrondoso na época, e que contava com a tradução para o português de textos de Virginia Woolf, Thomas Mann, Balzac e Proust.<sup>9</sup>

Além de tais funções, Erico Verissimo tornou-se um autor bastante conhecido e lido no Brasil, especialmente depois do sucesso de *Olhai os lírios do campo*, lançado em 1938, que lhe permitiu viver de direitos autorais e o transformou em um dos escritores mais importantes não só do Estado do Rio Grande do Sul, mas de todo o país. Dessa forma, parece-nos que tais características reunidas por Erico Verissimo correspondiam de forma bastante completa a de um próspero agente cultural para a política de Boa Vizinhança, especialmente nos anos em que se dava a segunda Guerra Mundial.<sup>10</sup>

A atuação de Erico Verissimo em tal política, portanto, não passou apenas por sua atuação enquanto editor e tradutor – fomentando contratos de publicação no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, dos seus livros e dos de outros autores – ou de divulgador das ideias do pan-americanismo que marcaram a política de Boa Vizinhança na época, mas – especialmente até final dos anos 1940 –, pela sua atuação como grande divulgador da cultura norte-americana no Brasil, do *American way of life*. Nesse sentido, as exposições de suas primeiras experiências nos Estados Unidos, registradas nas duas narrativas de viagem, *Gato preto em campo de neve* (1941) e *A volta do gato preto* (1946), mas em especial da primeira, contribuíram diretamente para a criação de uma imagem positiva deste país no Brasil.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Erico Verissimo, também mantinha contato direto com outros importantes tradutores no Brasil, como o tradutor do alemão, inclusive da obra de Thomas Mann, Herbert Caro. Um número significativo de cartas entre os dois pode ser encontrado no acervo do Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Vale notar aqui que o Rio Grande do Sul é um dos Estados brasileiros que mais recebeu imigrantes da Alemanha e da Itália ao longo do período entre guerras. Trata-se portanto de uma região no Brasil onde se organizou grupos a favor de políticas nazistas e fascistas, justamente aquelas que os Estados Unidos combatiam fortemente na época.

<sup>11</sup> É importante observar que Erico escrevia para uma pequena elite alfabetizada, que, por sua vez, se vinculava aos grupos de poder no Brasil, mas que também divulgava as ideias em voga. Segundo Antonio Candido, "[o]s analfabetos eram no Brasil, em 1890, cerca de 84%; em 1920 passaram a 75%; em 1940 eram 57%. A possibilidade de leitura aumentou, pois, consideravelmente. Muito mais, todavia, aumentou o número relativo de leitores, possibilitando a existência, sobretudo a partir de 1930, de numerosas casas editoriais, que antes quase não existiam. Formaram-se então novos laços entre escritor e público, com

O primeiro convite do Departamento do Estado norte-americano, assinado por Mr. Cordell Hull – Secretário de Estado norte-americano – contemplava ao longo dos três meses viagens de Erico a visita a mais de dez cidades norte-americanas, convites para proferir diversas palestras sobre o Brasil e literatura e encontros em prol de relações inter-americanas em universidades e centros de ensino e educação. Assim, Erico se encontrou com escritores, professores e figuras políticas brasileiras e norte-americanas, mas também de outras nacionalidades, como o escritor alemão Thomas Mann, o filósofo norte americano James Feibleman, o romancista e dramaturgo britânico W. Somerset Maugham e o historiador da literatura e crítico literário britânico David Daiches.<sup>12</sup>

Após os três meses de estadia, então, Erico retorna ao Brasil no dia 21 de maio de 1941 e publica *Gato preto em campo de neve* pela Editora Globo em novembro do mesmo ano. Tal obra trata da experiência do autor ao longo deste curto período nos Estados Unidos, especialmente ligada a aspectos políticos, históricos e literários. O sucesso do livro no Brasil foi enorme, de vendas mas também de crítica.<sup>13</sup> Assim, *Gato preto em campo de neve* vendeu antes do primeiro mês após seu lançamento uma tiragem de 10 mil exemplares, de modo que imaginava-se que a vendagem viesse a ultrapassar 30 mil exemplares.<sup>14</sup> Somente no ano da estréia do livro, mesmo que em novembro de 1941, foram feitas duas impressões da primeira edição, uma de 10 mil exemplares e outra de 5 mil exemplares.<sup>15</sup>

---

uma tendência crescente para a redução dos laços que antes o prendiam aos grupos restritos de diletantes e 'conhecedores'. Candido, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006. p. 116.

<sup>12</sup> Estes quatro encontros são descritos em *Gato preto em campo de neve*, inclusive com capítulo dedicado a cada um dos encontros.

<sup>13</sup> No acervo de Erico Verissimo no Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro é possível encontrar diversas cartas trocadas por Erico com outros escritores e críticos, como Monteiro Lobato, em que se expressa uma recepção extremamente positiva de *Gato preto em campo de neve*.

<sup>14</sup> Em carta a Mr. Pattee, datada de 29 de dezembro de 1941, Erico Verissimo comenta o sucesso de vendas e também os efeitos provocados nos leitores, afirmando que verifica com alegria “que com meu último livro consegui muitos adeptos para o pan-americanismo” e que havia sido muito sincero quanto às suas descrições dos Estados Unidos, atribuindo a esta sinceridade o sucesso da obra. Cf. VERISSIMO, Erico. [Carta] 29 dez. 1941 [para] PATTEE, Richard. IMS 069334 (acervo Erico Verissimo no Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.)

<sup>15</sup> Em *O contados de histórias*, há um levantamento do volume de exemplares impressos: da obra *Gato Preto em campo de neve* houve 10 impressões da primeira edição (até o ano de 1957) – contabilizando 43 mil exemplares – e uma impressão da segunda edição de 15 mil exemplares (em 1963), totalizando 58 mil exemplares até esta data. De *A volta do gato preto*, tem-se 4 impressões da primeira edição – contabilizando 30 mil exemplares até 1957 – e a primeira impressão da segunda edição, de 15 mil exemplares (de 1962), totalizando 45 mil exemplares até esta data. Sobre os números de exemplares impressos e vendidos após as referidas datas, não foi possível encontrarmos os dados, seja através do contato com a editora, seja através do contato com outros pesquisadores da obra de Erico Verissimo. De

Ainda em vista do sucesso de vendas, vale observar ademais que a publicação e o sucesso de *Gato preto em campo de neve* conforme descrito parece em grande sintonia com os últimos acontecimentos internacionais, já que o lançamento e sucesso do mesmo se dá um mês antes do ataque a Pearl Harbor nos Estados Unidos e, então, do ingresso deste país na Segunda Guerra. Assim, quando os Estados Unidos posiciona-se declarando guerra aos países do Eixo, sua popularidade no Brasil já ganhava espaço significativo, momento em que Getúlio Vargas ainda titubeava entre se alinhar aos Aliados ou aos países do Eixo.

Em diálogo direto com o contexto histórico em que se inseria, *Gato preto em campo de neve* é construído em tom muito entusiasmado, apesar de crítico, e se organiza especialmente em torno da relação política, história e literatura, tendo em vista o papel e/ou o lugar do escritor e da obra literária no ambiente extraliterário. Assim, ao passo que Erico descreve sua experiência ele também não desiste de investigar as potencialidades do texto literário e do papel do escritor, seja tematizando essa investigação no próprio texto, seja investigando a natureza do texto literário no próprio fazer textual.

É curioso que já de início, Erico deixa claro na narrativa que seu interesse maior ao longo da viagem será pelas pessoas e não pelas paisagens, fábricas ou máquinas norte-americanas. Segundo as palavras do escritor:

Que pessoas desejo conhecer? Que lugares planejo visitar? Para que setor especial se dirige minha curiosidade? Quero ver museus e galerias de arte? Teatros? Universidades? Tudo, Mrs. Barber, tudo. (...) Quanto a vossa paisagem, madame, guardai-a que de natureza estou farto. (...) Afastai de mim as vossas fábricas e as vossas máquinas, que eu quero apenas vossas almas. Sim, minha amiga, eu coleciono almas, sou um caçador de homens. (VERISSIMO, 1956, p. 57-58)

Parece-nos também que a revelação deste interesse maior por parte de Erico parece contribuir para o caráter factual do gênero narrativa de viagem, já que em princípio o leitor esperaria encontrar naquele texto impressões que estão muito mais próximas de um caráter documental do que ficcional. Interessar-se pelas almas, mais do

---

qualquer modo, acreditamos ser possível, através destes dados, imaginar o sucesso das duas obras perante o público leitor em um intervalo aproximado de 20 anos após o lançamento das mesmas. Cf. Chaves, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. XX.

que pelas coisas, parece fomentar a ideia de que se está conhecendo a intimidade daquele povo, favorecendo a confiança do leitor, no sentido de que ele encontrará na obra que tem em mãos de fato uma descrição com propriedade sobre aquela cultura, reveladora da alma do povo norte-americano. Ainda nesse sentido, é notável diversas observações de Erico a respeito da curiosidade que tem os norte-americanos sobre o Brasil e o brasileiro, quase que como chamando atenção para um desconhecimento entre as duas nações ou justificando que através de sua estadia nos Estados Unidos – descrita e divulgada pela obra – ele estaria contribuindo para um maior entendimento entre as nações, senão divulgando mesmo necessidade de um espírito pan-americano.

Esta propriedade em descrever os Estados Unidos após a experiência no país está também atrelada a importância que lhe foi dada ao longo da estadia, ou seja, em vista da agenda que lhe foi oferecida, em especial dos encontros que lhe foram proporcionados – com autoridades brasileiras e norte-americanas, editores e outros artistas e escritores – e também do destaque que se deu às suas conferências organizadas pelo Departamento do Estado. Erico Verissimo descreve esta agenda com muitos detalhes na obra e a coloca em destaque, deixando ao leitor a impressão de que sua passagem pelos Estados Unidos foi muito prestigiada pelas pessoas que o receberam. Ainda sobre este prestígio de que desfrutou o escritor, tem-se a seguinte passagem:

Todos os domingos a International House [onde estive hospedado] reúne os seus hóspedes num grande jantar e sempre há um convidado especial para fazer uma palestra ao fim dele. Thomas Mann e Somerset Maugham já fizeram conferências aqui. Domingo passado quem falou foi Christopher Morley, o autor de Kitty Foyle. E é bastante estranho que quem vai falar hoje, neste domingo de neve e céu escuro, sou eu. (VERISSIMO, 1956, p. 195)

É interessante observar que apesar de um tom de modéstia em tal passagem, assim como em outras que também descreve na obra, Erico nunca deixa de comentar a importância que foi dada à sua presença e a seus proferimentos, de modo que a partir desta importância o leitor poderia direcionar ainda mais respeito ao escritor, mas especialmente à voz do escritor, como se fosse mesmo uma maneira curiosa de legitimar ainda mais as descrições daquelas experiências registradas na obra.

As características do povo e da configuração social norte-americana descritas por Erico – e que também ocupam lugar central na obra – estão quase sempre ligadas a aspectos em torno do consumo da produção cultural, da literatura, principalmente, mas



também do cinema, música e artes plásticas. Assim, Erico nunca perde de vista seus interesses em vista das posições que ocupa no cenário brasileiro, ou seja, de editor, escritor e tradutor. Ele descreve – e ainda compara com o Brasil –, desde como funciona o mercado editorial norte-americano, – dando detalhes, inclusive, sobre as possibilidades de ascensão social e econômica do escritor nos Estados Unidos – até menciona dados sobre características do sistema educacional, o número de bibliotecas no país, de livrarias e até mesmo do que se vende nas mesmas, como quando comenta que nos dias em que visita Nova York sente-se surpreendido com “o pequeno número de book-shops que vendem livros em língua estrangeira” (VERISSIMO, 1956, p. 253).

Ainda que muito entusiasmado com a experiência, Erico Verissimo fala de um lugar delicado, já que além de se posicionar insatisfeito com a política da era Vargas é também sujeito inserido no contexto histórico da Segunda Guerra e que transita neste período intensamente entre as difíceis relações diplomáticas entre os Estados Unidos e o Brasil. Trata-se, portanto, de um escritor que se encontrava em um lugar político não somente através de seu lugar de intelectual – que vai sendo construído principalmente depois que se insere na política de Boa Vizinhança –, mas através dos cargos que ocupou principalmente entre o final da década de 1930 até o final da década de 1950, seja no Brasil ou nos Estados Unidos.

Parece-nos, nesse sentido, que apesar do tom informativo marcante na sua primeira narrativa, a problematização do papel do escritor e da literatura naquele contexto é que ocupa o lugar central na obra. Assim, ele desenvolve reflexões e discussões desde sobre a dicotomia ficção e realidade em literatura, passando pela ideia de literatura de mensagem ou de propaganda, também pela ideia de função e utilidade da literatura, até a problematizar o uso da linguagem em literatura. Além disso, não lhe escapa a reflexão a respeito da responsabilidade do autor, uma vez que parece-nos partir do pressuposto de que há sim diversas intersecções entre o discurso literário e o extraliterário, desde ao observar a relevância que programas políticos dão à literatura – a exemplo da política de Boa Vizinhança –, até problematizando a potencialidade do discurso literário e da voz do escritor. Em outras palavras, caso a literatura fosse um discurso inofensivo e à parte do discurso extraliterário nem mesmo os convites que lhe foram feitos pelo Departamento de Estado norte-americano fariam sentido.

Uma passagem que comprovaria o interesse de Erico a respeito da inserção do discurso literário em uma comunidade de comunicação é quando ele menciona a resposta de Robert Frost, um dos grandes poetas norte-americanos, quando este é

perguntado sobre o que a poesia estaria fazendo para salvar a Democracia. O poeta teria então respondido:

Dizem que a vida do homem gira em torno do sexo e do estômago. Não concordo. Acho que ela se concentra principalmente no desejo de se meter na vida alheia, isto é: mandar, aconselhar, influir, comover. E a poesia, meus amigos, é a maneira mais suave que a gente tem de meter o bedelho nos negócios sentimentais do próximo. (VERISSIMO, 1956, p. 165)

A resposta de Frost parece-nos dialogar com a perspectiva de Erico, já que o escritor reconhece na leitura de literatura uma atitude que muito mais aproxima o leitor da vida do que o afasta. Nas palavras de Erico, ao responder a pergunta sobre o que nos leva à ficção, tem-se:

A nossa necessidade de ler ficção, penso, vem de um desejo de viver mais, de ampliar a órbita individual, de participar de outras vidas e em outros lugares. A leitura nem sempre significa fuga da vida, como queria aquela personagem de Machado de Assis. As pessoas procuram nos livros de história o convívio com outros seres humanos que tem problemas parecidos com os seus; querem ver como as personagens resolvem esses problemas, como se portam em circunstâncias idênticas às que eles, leitores, encontram na vida real. (VERISSIMO, 1956, p. 451)

Esse processo empático que nos proporcionaria a leitura de literatura e que permitiria uma clara aproximação entre literatura e realidade, porém, parece a Erico ser bastante complexo. Nesse sentido, interessado também na dimensão comunicativa do texto literário, Erico irá problematizar em que medida não só o texto literário pode ser elo para outros discursos, como também em que medida o próprio escritor está inserido em uma grande cadeia de contadores de histórias.<sup>16</sup> Por fim, quase que como concluindo suas reflexões a respeito do papel social que assume como escritor e a respeito do papel que a literatura também é capaz de desempenhar, Erico faz uma comparação que nos parece pertinente naquele momento específico, mas que também serviria para pensar a relevância em se discutir as potencialidades do texto literário em vista de sua inserção no espaço público. Nesse sentido, tem-se o seguinte diálogo:

---

<sup>16</sup> Sobre tais apontamentos, vale a pena conferir o comentário em *Gato preto em campo de neve* que Erico atribui ao escritor Somerset Maugham. Cf. Verissimo, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Editora Globo, 1956, p. 336.

- O cientistas também falam da ciência por amor da ciência – Mr. G.  
- Sim – concorda Mr. Daiches – olham a ciência como um fim e não como um meio que garanta o valor do fim nela implícito. Mas um dia o cientista “imparcial” se descobriu a fabricar imparcialmente e com uma indiferença supinamente científica gases venenosos e a ajudar o fabricante de bombas – gases e bombas que estavam sendo empregados na destruição de mulheres e crianças... – Só nesse momento é que a deficiência do conceito de “ciência pela ciência” foi compreendida. Chegaram, então os cientistas (pelo menos alguns deles) à compreensão de que a ciência era um meio com muitos fins possíveis e que eles precisavam definir o seu fim se quisessem estar certos de estarem fazendo mais bem do que mal. A situação da literatura é mais ou menos semelhante. (VERISSIMO, 1956, p. 313-314)

Para encerrarmos a breve discussão que propomos aqui vale ainda relacionar a tal passagem com a declaração de Erico em que reconhece que “a linguagem é um meio e não um fim” (VERISSIMO, 1942 p. 133), ou seja, trata-se de pensar a literatura como um discurso que pode constituir forma de acesso a um *medium*<sup>17</sup> e que, por se constituir pela linguagem natural e dar-se sob dinâmicas que problematizam os usos da linguagem natural, é capaz de incorporar e incentivar transformações no mundo da vida (*Lebenswelt*)<sup>18</sup>. De qualquer modo, independente da voz que prevalecerá, concluímos esta breve explanação dando voz ao escritor João Guimarães Rosa, quando menciona em entrevista a Günter Lorenz que “a língua é o espelho da existência, mas também da alma (...) Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo. Devemos conservar o sentido da vida, devolver-lhe esse sentido, vivendo com a língua” e acrescentamos, ainda citando Rosa, que “legítima literatura deve ser vida” (GÜNTER, 1973).

## Referências

Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

---

<sup>17</sup> *Medium* aqui segundo o filósofo alemão Karl Otto-Apel. Trata-se da linguagem não somente como meio no sentido de instrumento de mediação, mas como ambiente onde se dá algo. Compreende-se a linguagem como condição de possibilidade e também como forma de vida.

<sup>18</sup> Compreende-se mundo da vida segundo o filósofo alemão Jürgen Habermas. Trata-se do espaço social das relações humanas constituído pela linguagem e pela cultura, um horizonte de possibilitação em que os sujeitos agem comunicativamente. Cf. Oliveira, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na Filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 335-336.

Apel, Karl Otto. *Transformação da Filosofia I: Filosofia Analítica, Semiótica, Hermenêutica*. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Candido, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006.

Chaves, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

Costa, Fabrício Santos da. *O papel social do escritor e a sociedade no papel em Erico Verissimo*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Mestrado em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

Lorenz, Günter. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: E.P.U, 1973.

Miceli, Sérgio. “A expansão do mercado do livro na categoria ‘ficção’”. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Nye, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Ed. Publicaffairs: Cambridge, 2004.

Oliveira, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na Filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Verissimo, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Editora Globo, 1956.

\_\_\_\_\_. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. “Confissões de um romancista”. In: *As mãos de meu filho. Contos e artigos*. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1942, p. 133.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 29 dez. 1941 [para] PATTEE, Richard. IMS 069334.